

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

Edilson Joaquim Togni Sabedot

**A percepção de estudantes de Ensino Médio do Colégio Estadual
Emílio Massot em relação ao acesso ao Ensino Superior na UFRGS**

Porto Alegre
2º Semestre de 2024
Edilson Joaquim Togni Sabedot

A percepção de estudantes de Ensino Médio do Colégio Estadual Emílio Massot em relação ao acesso ao Ensino Superior na UFRGS

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura
em Geografia do Instituto de Geociências, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Licenciado em Geografia.
Orientadora: Profa. Dra Larissa Corrêa Firmino

Porto Alegre
2º Semestre de 2024

CIP - Catalogação na Publicação

Sabedot, Edilson Joaquim Togni
A percepção de estudantes de Ensino Médio do
Colégio Estadual Emilio Massot em relação ao acesso ao
Ensino Superior na UFRGS / Edilson Joaquim Togni
Sabedot. -- 2025.
53 f.
Orientadora: Larissa Corrêa Firmino.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Geociências, Licenciatura em Geografia, Porto
Alegre, BR-RS, 2025.

1. Acesso ao Ensino Superior. 2. Educação Básica.
3. Pertencimento. I. Firmino, Larissa Corrêa, orient.
II. Título.

Edilson Joaquim Togni Sabedot

**A percepção de estudantes de Ensino Médio do Colégio Estadual
Emílio Massot em relação ao acesso ao Ensino Superior na UFRGS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Geografia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Licenciatura em Geografia, obtendo conceito...

Orientadora: Dra. Larissa Corrêa Firmino

Porto Alegre, 07 de Janeiro de 2025

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Larissa Corrêa Firmino
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Nestor André Kaercher
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Roselane Zordan Costella
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Dedico esse projeto a todos os estudantes que fizeram parte da construção deste trabalho, aos alunos que tive durante meu período de graduação e ao longo do meu docenciar no Pré Vestibular Resgate Popular.

Aos meus professores do cursinho que fomentaram minha chama Freiriana perante a fazer diferente com a Educação e a Geografia.

E dedico ao Thiago Conceição que honrosamente carrego em minha pele sua memória e que enquanto estiver vivo não será só um número, será sempre um dos meus principais vieses de continuar no caminho para fazer a diferença com a educação.

Agradeço aos meus pais e meus irmãos por aturarem esse período onde não conseguiria trazer renda o bastante para a casa mas que sempre me apoiaram para conseguir algo a mais.

Agradeço aos meus amigos Lúcio, Márcio e Renata pelas companhias na vida, sempre fazendo rir e chorar, se divertindo de diversas formas e fazendo da vida um lugar mais colorido.

Agradeço ao Resgate e ao Massot e seu corpo docente por ser minha segunda casa e dar oportunidades de ser um docente cada vez melhor.

Agradeço aos meus Professores e Colegas de faculdade por sempre me instigar a conquistar o que poderia, pelas trocas de experiências e construções de conhecimento que tivemos.

Agradeço à minha orientadora Prof^a Dr^a Larissa Corrêa Firmino por estar sempre disposta a me aconselhar e trabalhar, aguentando por muitas vezes a minha inconveniência, sempre em busca do melhor para este trabalho e para mim como pesquisador-licenciando.

Agradeço ao meu psicólogo por me acompanhar ao longo desses últimos 5 anos, nunca desistindo de me ajudar a tornar-me consciente do que me constitui como indivíduo social e emocional.

*Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo
contrário, avanço mais e mais na mesma proporção
desse medo. É como se o medo fosse uma coragem
ao contrário.*

Conceição Evaristo
Olhos d'água.

RESUMO

O presente trabalho investiga o sentimento de pertencimento de estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, localizado em Porto Alegre – RS, em relação ao ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, considerando suas trajetórias escolares, seus contextos de estudantes-trabalhadores e suas percepções sociais. A proposta surgiu da experiência do autor como ex-aluno da referida escola pública, onde vivenciou situações de exclusão e questiona a meritocracia no acesso ao Ensino Superior. Utilizando uma metodologia qualitativa com estudo de caso e questionários, a pesquisa aborda também aspectos históricos e sociais da escola, além de incluir uma análise autobiográfica. Estruturado em cinco capítulos, o estudo busca contribuir para a reflexão sobre a democratização do Ensino Superior público no contexto social anunciado no trabalho.

Palavras-chave: Acesso ao Ensino Superior; Educação Básica; Pertencimento.

ABSTRACT

This paper investigates the sense of belonging of third-year high school students at Coronel Afonso Emílio Massot State School, located in Porto Alegre, RS, in relation to their admission to Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS, considering their academic trajectories, their contexts as student-workers and their social perceptions. The proposal arose from the author's experience as a former student of the aforementioned public school, where he experienced situations of exclusion and questions meritocracy in access to higher education. Using a qualitative methodology with case study and questionnaires, the research also addresses historical and social aspects of the school, in addition to including an autobiographical analysis. Structured in five chapters, the study seeks to contribute to the reflection on the democratization of public higher education in the social context announced in the paper.

Keywords: Access to University, Basic Education, Belonging Space

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – Fachada principal do Colégio Estadual Cel. Afonso Emílio Massot 16
- Figura 2 – Uma das pinturas dos muros da escola..... 17
- Figura 3 – Pintura na parede de uma sala de aula (todas as salas possuem pinturas diferentes)..... 18
- Figura 4 – Pátio na entrada da escola..... 19
- Figura 5 – Mapa dos bairros onde os/as estudantes dos Terceiros anos do Colégio Estadual Emílio Massot residem..... 23

LISTA DE TABELAS

● Tabela 1 – Gênero do estudante.....	25
● Tabela 2 – Etnia do estudante.....	25
● Tabela 3 – Pergunta sobre se o estudante trabalha.....	26
● Tabela 4 – Status empregatício dos estudantes.....	26
● Tabela 5 – Compreensão dos estudantes quanto ao processo de ingresso na UFRGS.....	27
● Tabela 6 – Conhecimento do estudante sobre o processo de ingresso na UFRGS.....	28
● Tabela 7 – Fontes de informação sobre o ingresso na UFRGS (múltiplas respostas).....	28
● Tabela 8 – Percepção da dificuldade do ingresso na UFRGS.....	29
● Tabela 9 – Sentimento dos estudantes quanto ao ingresso na UFRGS.....	30
● Tabela 10 – Principais desafios que o estudante percebe em relação ao ingresso na UFRGS (múltiplas respostas).....	31
● Tabela 11 – Percepção dos estudantes quanto se há informações fornecidas pela escola sobre o processo de ingresso na UFRGS.....	32
● Tabela 12 – Apoio da escola para o ingresso na UFRGS.....	32
● Tabela 13 – Quanto à oportunidade dos estudantes de ser preparar para o ingresso da UFRGS por meio de atividades extracurriculares.....	33

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Memorial.....	13
3. O Colégio Estadual Emílio Massot, seu contexto e suas indagações.....	16
4. Percurso teórico metodológico.....	20
○ 4.1. Questionário como recurso primordial.....	20
○ 4.2 A estruturação do questionário e os dados.....	22
5. O Terceirão como previsão a algo maior, os porquês do agora e do futuro.....	33
○ 5.1 Os Terceiros anos do Emílio Massot, o que são e o que demonstram ser.....	33
○ 5.2 A UFRGS sendo um espaço impossível de acessar, a visão do estudante Massotiano.....	36
○ 5.3 A influência neoliberal do currículo presente nas narrativas do aluno Massotiano.....	40
6. Considerações finais.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXO A — TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO.....	49
ANEXO B — QUESTIONÁRIO DE PESQUISA.....	51

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, desenvolvido ao longo do ano de 2024, apresenta uma proposta para compreender o sentimento de pertencimento dos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot, localizado em Porto Alegre – RS. A análise busca captar essa percepção com base na trajetória escolar e na vivência comum dos estudantes dentro do referido contexto escolar.

A investigação centra-se, principalmente, nos alunos que estão concluindo o Ensino Médio e enfrentam dúvidas sobre sua capacidade e possibilidade de ingressar no Ensino Superior, com foco na relação desses estudantes com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O estudo analisa como os alunos percebem esta possibilidade de ingresso na UFRGS, considerando suas experiências pessoais e a formação vivenciada naquela escola.

Além disso, o trabalho busca entender a percepção do aluno-trabalhador, perfil predominante entre os estudantes de escolas públicas centrais como o 'Massot', que muitas vezes se veem como meros provedores de mão de obra barata, mas que possuem força e voz social. A proposta visa compreender o significado da escola pública para esses estudantes quando refletem sobre o acesso ao Ensino Superior público.

A motivação para o estudo é fruto da trajetória pessoal do autor, que, enquanto aluno do Massot, sentiu-se excluído e sem perspectivas de ingressar em espaços públicos de Ensino Superior, especialmente em uma instituição federal como a UFRGS. Com o tempo, percebeu que esse sentimento não era exclusivo, sendo compartilhado por outros colegas de escolas públicas, tanto no Ensino Médio quanto na universidade. Esse sentimento de não pertencimento foi o ponto de partida para a elaboração da pesquisa, cujo objetivo é refletir sobre como o sistema educacional não forma cidadãos atuantes, mas, em muitos casos, prepara o aluno de baixa renda apenas como mão de obra barata.

A proposta instiga uma reflexão sobre a educação pública e o imediatismo que leva os estudantes dessas instituições a buscarem meios de subsistência, sentindo-se alheios ao contexto que ajudam a construir. Na visão do autor, a universidade pública deveria priorizar alunos oriundos de escolas públicas. A ideia

de meritocracia, muitas vezes associada ao Ensino Superior público, não condiz com a realidade de quem enfrenta as dificuldades do sistema público de educação.

O objetivo geral deste trabalho é compreender como os estudantes de terceiro ano do Ensino Médio da escola pública mencionada concebem a possibilidade de ingresso na UFRGS, a partir de suas vivências escolares, pessoais e profissionais. Entre os objetivos específicos, destaca-se a análise do sentimento de pertencimento em relação ao Ensino Superior federal, questionando a relação entre a educação recebida e a preparação para a graduação.

A pesquisa também buscou compreender as causas desses sentimentos e formular teorias a partir delas, além de investigar como a condição de estudante-trabalhador influencia as percepções sobre o acesso ao Ensino Superior. A metodologia adotada baseia-se em um estudo de caso, com o emprego de questionários impressos (perguntas fechadas e abertas) aos alunos do terceiro ano, além de uma análise qualitativa dos dados coletados. Foram realizadas, ainda, análises do contexto histórico, social e espacial da escola.

Buscou-se aproximar também do método autobiográfico, compondo o presente estudo, de um ensaio reflexivo sobre a trajetória acadêmica do autor, que serviu como base para a proposta de estudo.

A pesquisa está dividida em 6 seções, que se complementam e visam atingir os objetivos propostos. Na segunda seção busca-se fazer uso do modelo autobiográfico trazendo à tona as memórias do autor deste trabalho e sua história pessoal de vida. A seção 3 contextualiza historicamente a escola pública estudada, abordando sua estrutura, funcionários e estudantes. A seção 4 apresenta os procedimentos metodológicos utilizados e a importância deles na complexificação do estudo. A seção 5 traz a análise e fundamentação teórica da pesquisa, justificando sua relevância. Por fim, a seção 6 apresenta as considerações finais, sintetizando as conclusões e propondo novos questionamentos e caminhos para o futuro.

2. MEMORIAL

Início esta seção compartilhando minhas memórias que perpassam e fazem-se presentes tanto quanto as diversas histórias de estudantes periféricos que adentram a uma universidade pública. Ela evoca momentos que modificam e fazem pensar sobre meu trajeto como pesquisador e como docente, salientando sua unicidade e validade perante os contextos ao qual foram inseridos e demonstrando a força que se auto refletir é uma metodologia altamente pertinente e bonita para compreender composições de estudos e pesquisas.

Foi ao adentrar uma sala de aula em uma universidade federal que compreendi a importância de falar sobre a própria história. Sou oriundo da periferia de Porto Alegre, bairro de classe baixa que concentra o grande complexo de vilas da Cruzeiro. Apesar disso, nunca passei dificuldade de comida, mas me faltava diversas outras coisas essenciais, como a própria casa na qual vivíamos, que era mais um barraco que uma casa propriamente dita, na vila Barracão. Desde sempre frequentei escolas públicas super precarizadas. Nos primeiros anos em uma escola pública aqui mesmo na vila onde fui muito perseguido fui pelos alunos, pelos professores e diretores da escola em atos totalmente envolvidos em bullying por não saberem como tratar uma criança tão ativa.

Minha hiperatividade era aparente e isso era “terrível”, pois ninguém sabia lidar, tinha que me “adequar” ao mundo, ser “normal”. Este fato também se transpôs posteriormente, o que acarretou em perseguição no primeiro ano que fui aluno na outra escola que frequentei, na qual cursei da 6ª a 8ª série. E na oitava série fui diagnosticado precocemente com TDAH – na verdade não houve laudo, só enfiaram goela abaixo um remédio tarja preta para me apatizar, e conseguiram, isso afetou tudo que fui durante minha vida escolar e tudo que sou hoje socialmente e emocionalmente.

Durante o ensino médio, no qual cursei na escola da presente pesquisa e que atuei como residente pedagógico e estagiário, foram os anos mais calmos que tive escolarmente. Por outro lado, ainda assim não foram anos satisfatórios em termos de estudo, pois o conteúdo fora extremamente precário, visto a implementação de um ensino médio emergente que foi imposto no mesmo ano que adentrei na escola. Além disso, culpo a mim pois nunca fui de ler e estudar, e nem era necessário naquela

escola infelizmente, não era instigado para tais atos, mesmo assim, sempre fui taxado como inteligente e achava a escola muito fácil, não era desafiador.

Apesar disso, para mim e para o mundo que fazia-se visível no futuro, se formar no médio era o sonho, e após a escola, o certo seria arrumar um emprego qualquer e viver sua vida. O ensino superior era uma loucura de se pensar, um ato insensato e inexistente, lembro-me até hoje quando uma das minhas colegas passou na UFRGS e eu fiquei impressionado de ter uma colega tão inteligente.

Com a conclusão do ensino médio, fui em busca de um emprego, mas nunca consegui um trabalho com uma remuneração decente. Trabalhava 9 horas por dia, longe de casa, e recebia apenas 500 reais mensais. Foi neste momento que decidi que iria voltar a estudar para tentar ingressar em uma faculdade. Contudo, gastando 400 reais dos 500 que recebia por mês em um cursinho pré-vestibular, e tendo que estudar no contraturno, ficou insustentável perseguir esse sonho então tive que desistir naquele momento.

Paguei um curso de operador de câmera de televisão, e após o término, trabalhei de freelancer na área, mas o que recebi não me sustentava e o ambiente era desagradável. Nesse meio tempo ainda estava inscrito para o vestibular, então fui prestar as provas da UFRGS e Enem sem pretensão nenhuma e por acaso passei na segunda chamada, mas só soube após perder o prazo de inscrição.

Com isso, o sonho de ingressar em uma universidade parecia uma realidade, então a fim de conseguir esse acesso, adentrei ao cursinho Resgate pré-vestibular popular que veio para mudar minha vida. Dentro desse ambiente que eu me entendi como um todo, num conceito que hoje sei que é Freiriano, fui fisgado pela educação por conta dos professores e passei em Letras pelo SISU. Logo, um problema me veio de forma contundente durante o curso de Letras, era frustrante não conseguir ler e se culpar por isso, me sentia mal e que ali não era lugar para alguém como eu estar, e ao mesmo tempo sentia que estava desperdiçando a oportunidade da minha vida se saísse do curso, que estar na UFRGS não acontecia com gente do lugar que eu vim, e que nunca mais iria poder acontecer.

A depressão veio de forma a me reprimir todas as forças que tinha, querendo fugir deste mundo, eu pedi ajuda e fui atendido pelo Resgate. Voltei para o curso e tive acompanhamento do psicólogo do núcleo psicossocial que lá trabalhava e que ainda hoje me atende. Voltei pro Resgate com o ar de perdedor, que não merecia voltar para a UFRGS, mas trabalhei para entender que sim, que aquele lugar, que aquele campus,

que o Vale, era o meu lugar e eu tinha o direito e merecia estar lá e mostrar para mim e para o mundo o que eu tinha o que oferecer.

Nesse sentido, com o decorrer dos estudos no Resgate, fui compreendendo que o curso que queria era Geografia, compreendia que a licenciatura era meu destino, só precisei entender qual era a área em si. Com isso, me veio a motivação de tentar fazer a diferença e ajudar. Dentro do cursinho entendi que poderia fazer mais por pessoas como aquelas que estavam lá e compartilham histórias de vidas similares a minha, essa se estabeleceu como minha grande motivação para continuar nesse caminho.

Portanto, entendo finalmente qual seria meu propósito, isso ocorreu de fato dentro já da faculdade. Hoje me sinto parte desse mundo, sinto que posso ser o que quero ser e que vou lutar por uma educação inclusiva e uma justiça social. Não aguento mais ver pessoas boas sendo negligenciadas por esse mundo. Enquanto eu tiver forças para lutar, eu estarei de pé e na vanguarda para tal.

3. O COLÉGIO ESTADUAL EMÍLIO MASSOT, SEU CONTEXTO E SUAS INDAGAÇÕES

O Colégio Estadual Coronel Afonso Emílio Massot é uma instituição pública localizada no centro de Porto Alegre/RS, que recebe estudantes de diversos bairros da capital gaúcha. Situada na rua José Honorato dos Santos, número 101, no bairro Azenha, é uma escola procurada por estudantes de média-baixa e baixa renda, destacando-se por sua localização estratégica, próxima a órgãos públicos que possibilitam estágios para os alunos.

- **Figura 1 – Fachada principal do Colégio Estadual Cel. Afonso Emílio Massot**



Fonte: Acervo do autor (2024)

Em 2014, quando eu estava concluindo o Ensino Médio, o colégio passou por diversas reformas e transformações. No contexto educacional, houve uma reforma parcial do ensino médio em 2012, que foi adotada pela escola. Essa reforma substituiu o sistema de notas por um sistema de conceitos: satisfatório, parcial e não

atingido. A justificativa era oferecer uma métrica mais estruturada para avaliação. Além disso, a escola implementou um seminário trimestral, focado em diferentes áreas do conhecimento. Embora a ideia fosse positiva em teoria, faltou preparação e capacitação para os professores conduzirem os seminários de forma eficiente.

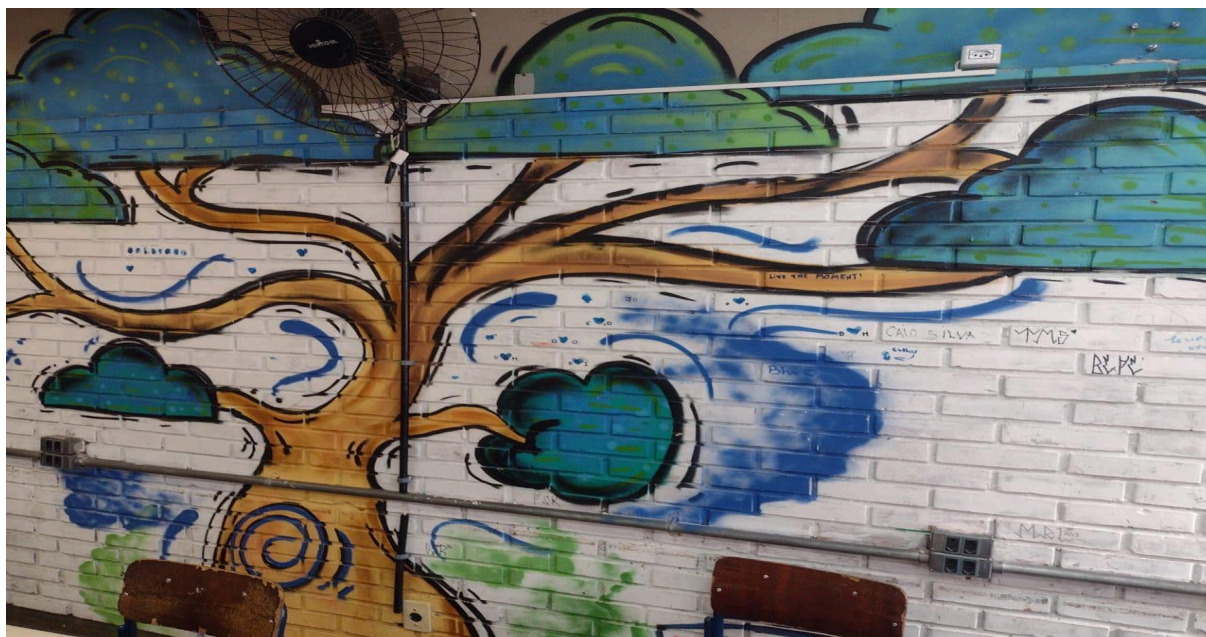
Nesse cenário de mudanças, somado à iminência das eleições gerais da época, surgiram movimentos de questionamento ao governo por parte de professores/as estaduais, e os/as estudantes do Massot aderiram a essas manifestações. O grande marco de 2014 foi a primeira greve e ocupação da escola, algo que, nos anos seguintes, se repetiria em outras escolas estaduais. Os/as estudantes do primeiro ano ocuparam o Massot por algumas semanas, e desse movimento estudantil nasceu a necessidade de repensar a estrutura física da escola, incluindo salas e paredes. Foi o início das pinturas que hoje são uma marca registrada do colégio. As revitalizações das 18 salas de aula, todas decoradas com pinturas e grafites únicos, ocorreram entre 2017 e 2018. Além dessas salas, o colégio conta com um laboratório de informática, um de ciências, duas salas de audiovisual e um auditório.

■ **Figura 2 – Uma das pinturas dos muros da escola**



Fonte: Acervo do autor (2024)

- **Figura 3 – Pintura na parede de uma sala de aula (todas as salas possuem pinturas diferentes)**



Fonte: Acervo do autor (2024)

Atualmente, a escola atende cerca de 750 alunos, divididos em três turnos. Pela manhã, com o Ensino Médio, concentra o maior número de estudantes, cerca de 400. À tarde, são atendidos 250 alunos do Ensino Fundamental 1 e 2, e à noite, cerca de 100 estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e do curso técnico de contabilidade. Pela manhã, os alunos vêm de várias regiões de Porto Alegre e até da região metropolitana, geralmente das periferias das zonas leste e sul da cidade. À tarde, predominam os/as estudantes da própria região. Nos últimos anos, também se tornou parceira da escola a realização de um cursinho pré-vestibular popular chamado Resgate, vinculado ao programa de extensão da UFRGS, do qual participo como Professor e Coordenador, embora tenha caráter independente da instituição.

A realidade do estudante-trabalhador é evidente no cotidiano do colégio, tanto entre os estagiários da manhã quanto entre os trabalhadores que, à noite, tentam retomar os estudos pelo EJA. Esse cenário evidencia a necessidade de investimentos em uma escola que mostra o interesse e o engajamento de seus alunos. Essa necessidade é reforçada pelos 50 Professores que atuam na instituição (além dos 13 funcionários estaduais e 4 terceirizados), que, apesar da precarização

do ensino no Estado e no país, buscam fomentar a criticidade e conscientizar os alunos sobre os desafios de conciliar educação e sustento familiar.

Educar os estudantes do Massot, assim como de outras escolas públicas estaduais, é um desafio complexo e inquietante, tanto para quem ensina quanto para quem aprende, como dizia Paulo Freire. Pergunto-me como um estudante que viaja horas da periferia ao centro, inserido em uma realidade complexa, de baixa renda e muitas vezes violenta, e que precisa conciliar os estudos com um estágio, pode pensar em continuar sua formação no Ensino Superior, se este muitas vezes nem sequer é visto como um caminho viável para a realização de sua vida?

■ **Figura 4 – Pátio na entrada da escola**



Fonte: Acervo do autor (2024)

4. PERCURSO TEÓRICO METODOLÓGICO

○ 4.1. QUESTIONÁRIO COMO RECURSO PRIMORDIAL

A metodologia adotada neste trabalho de conclusão de curso foi baseada em um estudo de caso qualitativo, caracterizado como uma investigação empírica voltada para a análise de fenômenos contemporâneos em seus contextos escolares reais. Esse tipo de abordagem relaciona-se com situações onde os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. Conforme argumenta Yin (2001), o estudo de caso lida com uma ampla diversidade de variáveis de interesse, o que exige a utilização de múltiplas fontes de evidência e a convergência dos dados em uma análise triangulada, apoiando-se, frequentemente, em proposições teóricas previamente desenvolvidas para orientar a coleta e interpretação das informações.

Segundo Demari e Salgado (2016, p. 158), a elaboração de um estudo de caso pressupõe diversas técnicas de coletas de dados, sendo elas, observações, questionários, entrevistas, pesquisas bibliográficas, etc. Nesta mesma direção, Lüdke e André (1986, p. 17) apontam que um estudo de um caso deve sempre ser cuidadosamente bem delimitado, definindo contornos bem estabelecidos e claros. Deste modo, é importante definir limites de quais dados serão utilizados para o estudo, utilizando de triangulações entre eles para conectá-los e elaborar um bom estudo.

Na organização deste estudo de caso, foi realizada uma triangulação que buscou conectar a perspectiva dos estudantes que responderam ao questionário proposto, a contextualização da escola onde a pesquisa foi conduzida e um relato autobiográfico do autor deste TCC, que também foi aluno dessa instituição.

Dessa forma, foi elaborado um questionário semi-estruturado (Anexo B), com ênfase no anonimato dos estudantes participantes, abordando questões essenciais para compreender a perspectiva desses indivíduos sobre o acesso ao Ensino Superior na UFRGS. Os dados coletados foram analisados de forma qualitativa, servindo como base para a triangulação de informações, o que contribuiu para a interpretação e construção do estudo.

O questionário foi aplicado em quatro turmas do terceiro ano da Escola Estadual Coronel Afonso Emílio Massot entre os dias 4 e 5 de novembro de 2024. Dessa forma, essa técnica de coleta foi fundamental para a estruturação do trabalho, permitindo a triangulação dos dados com as proposições metodológicas autobiográficas e o contexto sócio-histórico da escola.

Propor uma coleta de dados que permita uma interpretação além dos números, foi essencial para trabalhar de forma ordenada e consciente. Sydney (2017) destaca que os métodos qualitativos e quantitativos não são excludentes, mas, ao contrário, contribuem para o entendimento e quantificação dos aspectos essenciais de um fato ou fenômeno estudado. Nesse contexto, foi intencional tratá-los simultaneamente, a fim de interpretar os dados de maneira mais aprofundada e refletir de forma não neutralizada, ou seja, posicionando os pontos de vista previamente estabelecidos e estudados, os quais me desdobram enquanto pesquisador e professor em formação. Além disso, Sydney (2017) afirma que as pesquisas qualitativas e quantitativas permitem refletir sobre os caminhos a serem seguidos nos estudos científicos, pois auxiliam na compreensão, descoberta, qualificação e quantificação de forma verificável, além de possibilitar o estudo da importância dos fenômenos e fatos para a sua mensuração. A utilização dessas metodologias, conforme o autor, orienta a escolha das ferramentas de coleta e análise de dados, assegurando que os estudos sejam realizados de maneira planejada e eficaz.

Buscar dados por meio de questionário foi fundamental, pois permitiu uma organização eficiente do tempo para a estruturação da pesquisa e proporcionou uma adesão massiva dos estudantes da escola. Embora o questionário não seja a base de todo o projeto, sua estruturação adequada foi essencial para garantir a participação dos alunos. Chagas (2010) explica que, segundo Parasuraman (1991), um questionário é apenas um conjunto de questões destinado a gerar os dados necessários para atingir os objetivos do projeto. Embora nem todos os projetos de pesquisa utilizem esse tipo de instrumento de coleta de dados, o questionário é considerado muito relevante, especialmente nas ciências sociais. Parasuraman (1991) também enfatiza que construir questionários não é uma tarefa simples e que dedicar tempo e esforço adequados a essa construção é essencial para garantir um diferencial favorável no processo. Apesar de não existir uma metodologia padrão

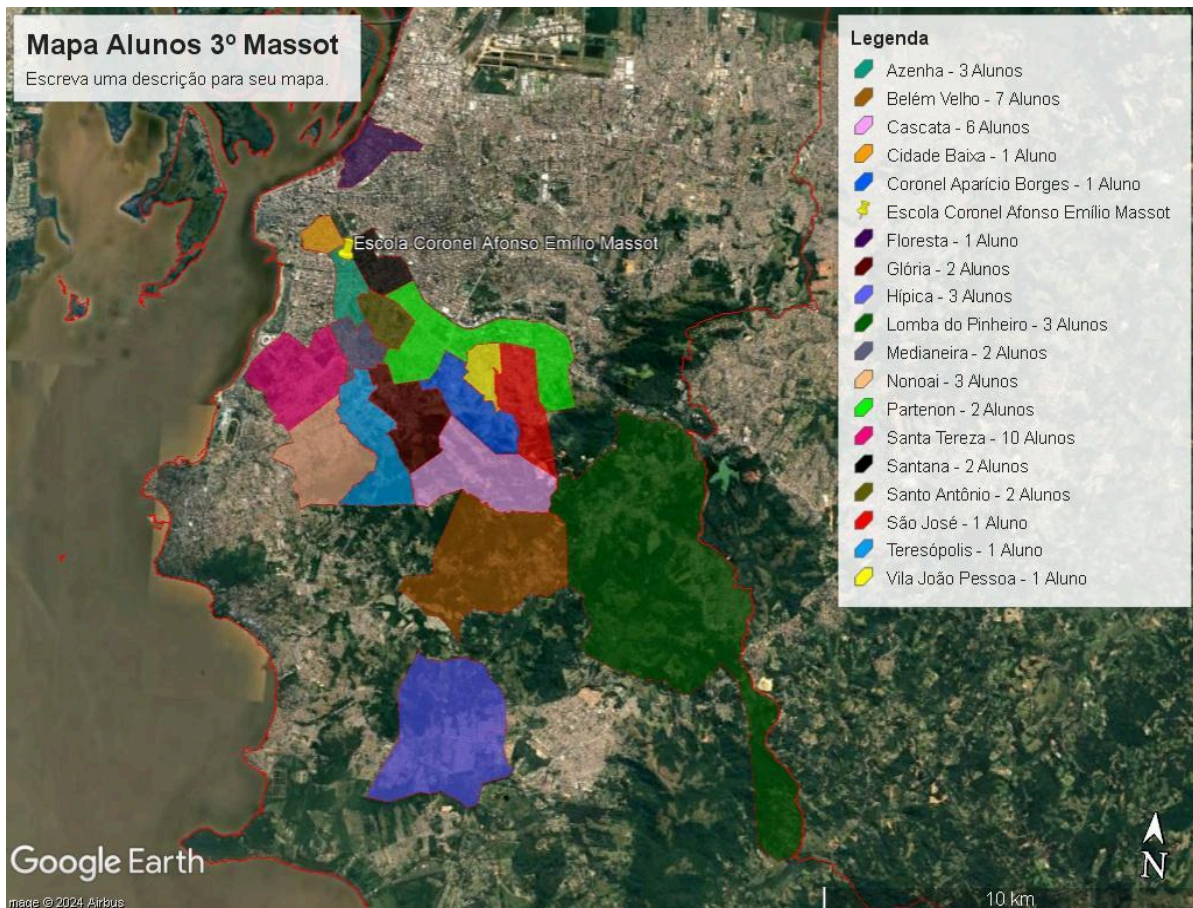
para o projeto de questionários, diversos autores oferecem recomendações valiosas para essa importante etapa na pesquisa científica.

A metodologia adotada foi crucial para o desenvolvimento do estudo, permitindo uma análise que, embora preservasse o anonimato dos/as participantes, os/as destacavam pelo que são, pelo que desejam e pelo modo como percebem a escola em que estão inseridos. Esse enfoque possibilitou uma compreensão mais profunda das suas experiências e visões, sendo essencial para o desenvolvimento desta pesquisa.

○ 4.2 A ESTRUTURAÇÃO DO QUESTIONÁRIO E OS DADOS

O questionário então foi proposto a priori para não identificar os alunos individualmente, ou seja, manter o anonimato deles. Mesmo assim, no início foi perguntado sobre eles, para entender o contexto e de onde eles vêm. Na parte superior do questionário há idade, turma e bairro. O intuito de perguntar a turma foi para estruturar e facilitar a aplicação do questionário, mas a idade e o bairro onde reside é de fundamental importância para entender o contexto desses alunos. Foram então 51 participantes com idade média de 18 anos e oriundos de bairros predominantemente da zona sul e zona leste de Porto Alegre, como podemos ver na Figura 5.

■ **Figura 5 – Mapa dos bairros onde os/as estudantes dos Terceiros anos do Colégio Estadual Emílio Massot residem**



Fonte: Elaboração própria (2024).

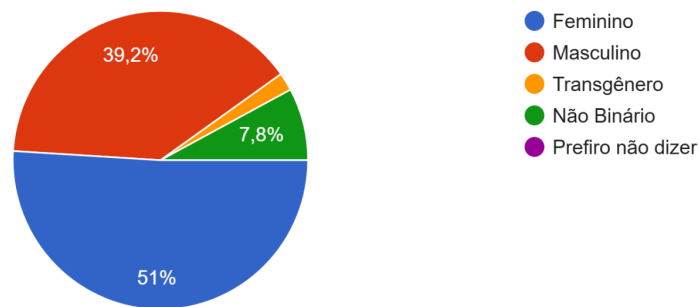
Apesar dos 51 estudantes participantes, nem todos responderam todas as questões, mas isso não causou problemas pois os resultados em sua ampla maioria foram unânimes em todas as questões.

As duas primeiras questões então foram quanto ao gênero e a etnia dos estudantes, mais uma vez então trazendo e contextualizando a turma. No contexto então dos terceiros anos, foi predominante a presença de alunos do gênero feminino com 51%, o gênero masculino foi o segundo mais selecionado com 39,2%. 7,8% dos alunos identificaram-se como não binários e só 1 aluno (2%) se identificou como transgênero, a seguir podemos ver esse gráfico.

- Tabela 1 – Gênero do estudante

1 Qual é sua identidade de gênero?

51 respostas

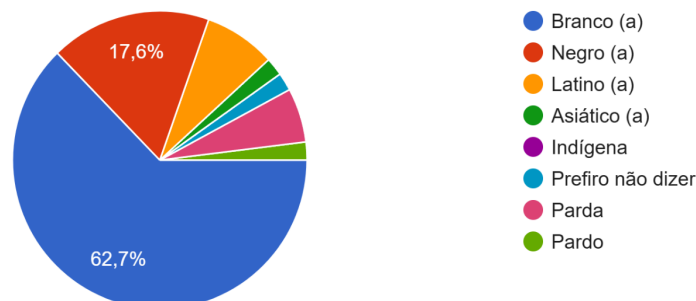


Quanto à etnia, a maior parte dos estudantes se autodeclarou branca, por escolha própria não foi utilizado o termo pardo, mas mesmo assim alguns alunos se identificaram assim (7,8%) como podemos ver no próximo gráfico.

- Tabela 2 – Etnia do estudante

2 Como você se identifica etnicamente

51 respostas



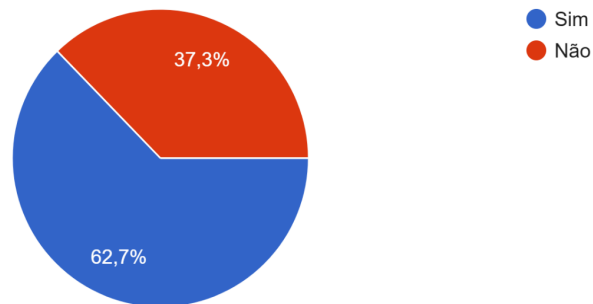
Foi questionado também quanto ao trabalho, se os alunos possuíam vínculo empregatício no contraturno escolar, quase 2 terços afirmou que trabalha a tarde.

Quanto ao tipo de emprego, eles afirmaram em sua maioria que trabalham meio período, enquanto 24% trabalha como temporário e apenas 1 aluno respondeu que ganha bolsa atleta.

- Tabela 3 – Pergunta sobre se o estudante trabalha

3 Você Trabalha e/ou está empregado neste momento?

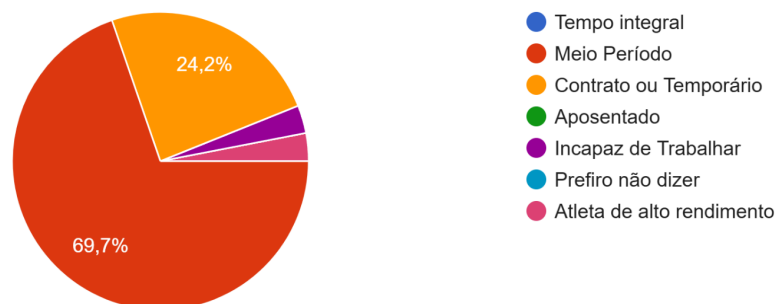
51 respostas



- Tabela 4 – Status empregatício dos estudantes

4 Se a resposta for "sim", qual é o seu status de emprego?

33 respostas

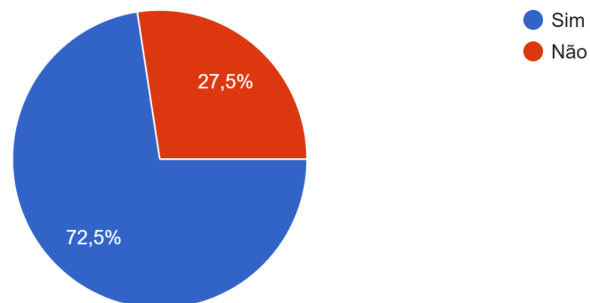


A seguir, as perguntas se baseiam na percepção dos estudantes quanto ao vestibular e ao ingresso ao Ensino Superior público, com foco na UFRGS. Foi assinalado que a maioria reconhece a existência do processo seletivo.

- Tabela 5 – Compreensão dos estudantes quanto ao processo de ingresso na UFRGS

5 Você está ciente do processo de ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)?

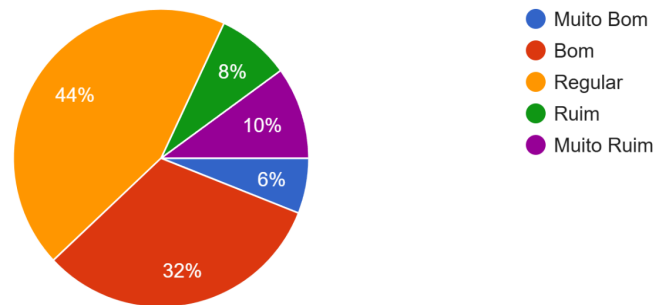
51 respostas



Ao serem questionados então sobre como descreveriam esse conhecimento, 44% dos estudantes marcaram como regular, traduzindo como a maioria. A menor porcentagem respondida foi “muito bom” com só 6%, mas muitos deles definiram como bom o conhecimento do vestibular (32%). Ruim e muito ruim ficaram somados com menos de 20% dos estudantes.

- Tabela 6 – Conhecimento do estudante sobre o processo de ingresso na UFRGS

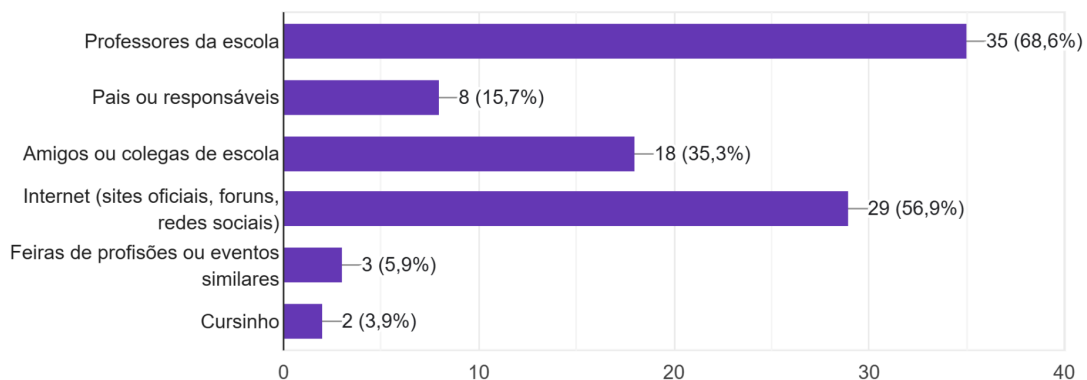
6 Como você descreveria seu conhecimento sobre o processo de ingresso na UFRGS
50 respostas



Ainda dentro desse cenário, foi perguntado, com oportunidades de múltipla escolha, quais eram as principais fontes de informação que eles tinham sobre o ingresso na UFRGS. “Professores da escola” e “internet” dominaram o saber deles com 35 e 29 respostas respectivamente.

- Tabela 7 – Fontes de informação sobre o ingresso na UFRGS (múltiplas respostas)

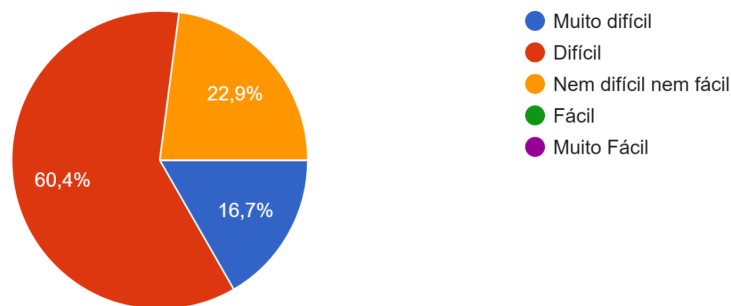
7 Quais são suas principais fontes de informação sobre o ingresso na UFRGS?
51 respostas



Por outro lado, os estudantes responderam quanto a percepção sobre a dificuldade do ingresso na UFRGS. Tendo alternativas que iam de muito fácil a muito difícil, nenhum dos alunos respondeu muito fácil ou fácil e 22,9% respondeu nem fácil nem difícil. A grande maioria marcou que era difícil ou muito difícil, que somadas dão mais de $\frac{3}{4}$ dos alunos (77,1%). Além disso, foi perguntado como eles se sentiam em relação às chances deles de ingressar na UFRGS, nesse aspecto 20,4% se disse confiante, enquanto 40,8% se diz nada ou pouco confiante.

- Tabela 8 – Percepção da dificuldade do ingresso na UFRGS

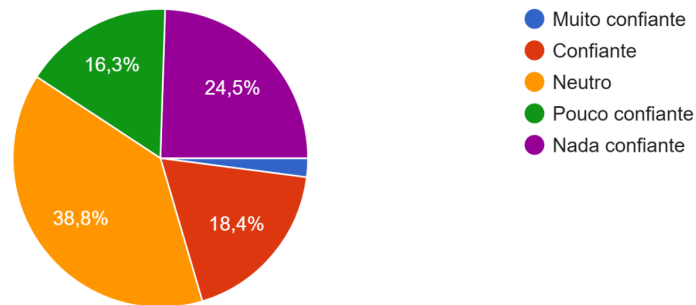
8 Qual é a sua percepção sobre a dificuldade do processo de ingresso a UFRGS
48 respostas



- Tabela 9 – Sentimento dos estudantes quanto ao ingresso na UFRGS

11 Como você se sente em relação às suas chances de ingressar na UFRGS?

49 respostas

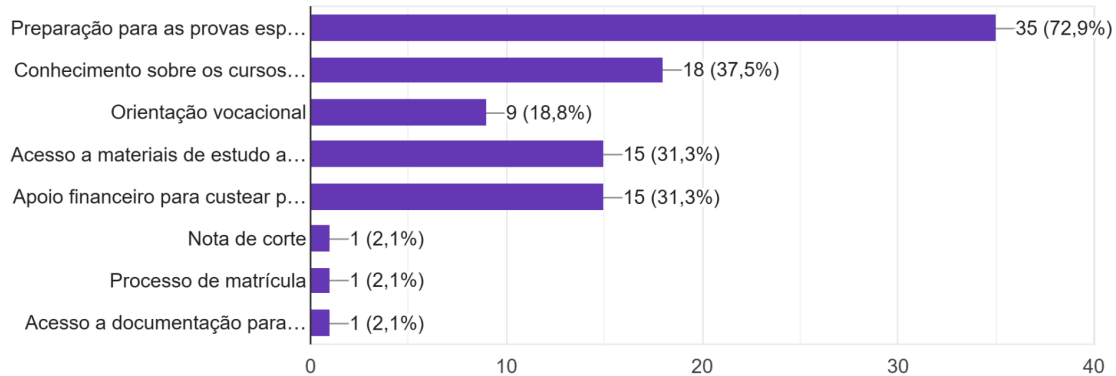


Dentro desse cenário, eles responderam também quais seriam as principais dificuldades e desafios que eles percebiam em relação ao ingresso na UFRGS. Essa pergunta também havia possibilidade de múltipla escolha. A maior parte dos alunos citou a preparação para as provas, mas também tocaram em pontos como: conhecimento sobre o curso, acesso a materiais de estudo, apoio financeiro, orientação vocacional, nota de corte, processo de matrícula e acesso a documentação para o vestibular

- Tabela 10 – Principais desafios que o estudante percebe em relação ao ingresso na UFRGS (múltiplas respostas)

10 Quais são os principais desafios que você percebe em relação ao ingresso na UFRGS?

48 respostas

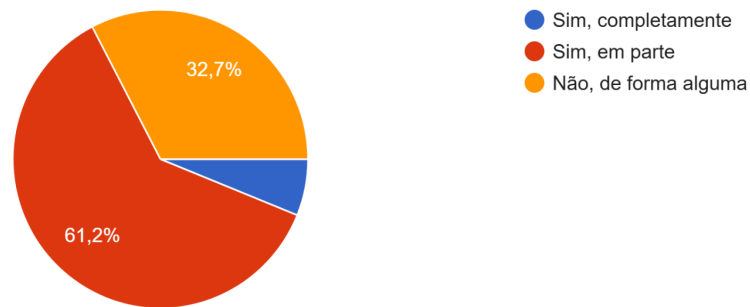


Sobre o papel da escola, os alunos responderam duas questões que tiveram resultados semelhantes. Uma delas perguntava se a escola oferecia informações sobre o processo seletivo de ingresso à UFRGS e a outra se eles recebiam apoio da escola para ingressar na faculdade. Em ambas a maioria marcou que recebe algum apoio, mas poucas pessoas marcaram que recebiam bastante. Além disso, nas questões abertas e dissertativas, eles apontaram ainda mais a falta de apoio, comunicação e informação da escola perante esses processos.

- Tabela 11 – Percepção dos estudantes quanto se há informações fornecidas pela escola sobre o processo de ingresso na UFRGS

9 Você Acredita que sua escola fornece informações adequadas sobre o processo de ingresso a UFRGS?

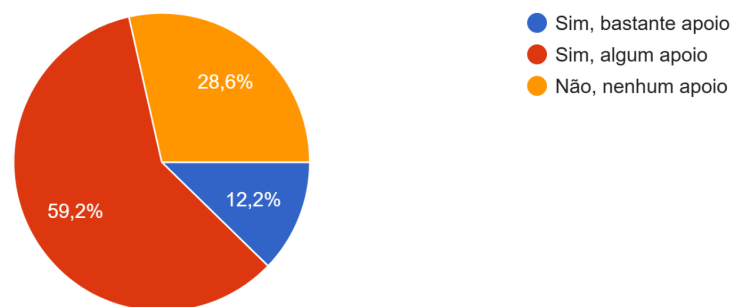
49 respostas



- Tabela 12 – Apoio da escola para o ingresso na UFRGS

12 Você recebe apoio de sua escola para se preparar para o ingresso na UFRGS

49 respostas

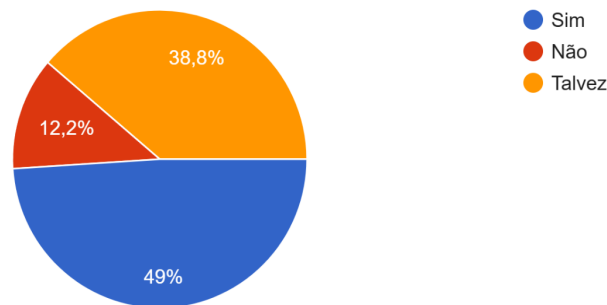


Ao serem questionados sobre se iriam querer participar de atividades extracurriculares como oportunidade para o ingresso e a preparação para o vestibular da UFRGS, houve um grande número de estudantes que se interessariam, enquanto só 12,2% falaram que não teriam interesse.

- Tabela 13 – Quanto à oportunidade dos estudantes de ser preparar para o ingresso da UFRGS por meio de atividades extracurriculares

13 Se houvesse uma oportunidade, você participaria de atividades extracurriculares relacionadas à preparação para o ingresso na UFRGS, oferecidos pela sua escola?

49 respostas



Nas perguntas descritivas teve menos respostas, a primeira perguntava a respeito de como a escola poderia melhorar o suporte aos alunos em relação ao ingresso na UFRGS, nessa teve 18 respostas e todos se repetiram indicando processos como: *“Ter mais informações ou palestras”*, *“Um melhor suporte ouvindo os alunos”*, *“Mais aulas de apoio nos preparando para ingressar na UFRGS”*, *“Acredito que promover atividade nos horários de aula seria bom para quem trabalha”*, *“Melhorar as fontes de informação e divulgar melhor. Se prepararem melhor para auxiliar os estudantes, promover mais atividades sobre”*, *“Divulgar as datas de inscrições, isenções e locais de aplicação”*, *“Explicando o processo de ingresso à universidade”*, *“Podiam pelo menos avisar quando iniciam as inscrições”*, *“Passeios na UFRGS”*. Essas foram algumas das respostas dos alunos na primeira questão dissertativa. A questão que ficou por último não é em si uma pergunta, mas sim um pedido para que eles ficassem à vontade para comentar e compartilhar pensamentos que tinham sobre o assunto e cujo qual pensava ser relevante. Houve apenas 5 interações, mesmo assim considero as mais importantes para pensar e por isso detalharei-as mais nos próximos tópicos do projeto.

5. O TERCEIRÃO COMO PREVISÃO A ALGO MAIOR, OS PORQUÊS DO AGORA E DO FUTURO

Neste capítulo serão apresentadas as discussões oriundas dos questionários semiestruturados respondidos pelos estudantes dos terceiros anos do Colégio Emílio Massot no ano de 2024. É a partir destes questionários que se tornou possível analisar como os processos do estudante-trabalhador atuam no entendimento e sentimento dos estudantes de terceiro ano desta escola para compreender o desejo de acesso à UFRGS.

○ 5.1 Os TERCEIROS ANOS DO EMÍLIO MASSOT, O QUE SÃO E O QUE DEMONSTRAM SER

Tendo como contexto deste trabalho de conclusão de curso a história do Colégio Emílio Massot e a minha própria trajetória como ex-estudante da instituição, emergem reflexões sobre os desafios que, no passado, pareciam opressivos, especialmente em relação à possibilidade de ingressar em uma universidade. Esse sentimento era ainda mais intenso ao considerar a UFRGS, que me intimidava apenas ao imaginar essa conquista.

Em minhas memórias, destaco que, apesar das dificuldades financeiras em casa, nunca precisei estagiar e conseguia me dedicar exclusivamente aos estudos. No entanto, essa era uma realidade excepcional, mesmo naquela época. A maioria dos meus colegas já trabalhava como estagiários. Dentre os mais de 100 estudantes do terceiro ano do Colégio Emílio Massot em 2014, conheço menos de 10 que concluíram o ensino superior, e ainda menos foram os que ingressaram em universidades federais. Embora a UFRGS fosse mencionada, era vista como algo inalcançável devido à falta de oportunidades. Isso ficou evidente quando, ao discutirmos o tema, um estudante compartilhou: “Sendo uma federal, é quase impossível ter acesso a ela.” Essas constatações reforçam o que Ristoff (2011, p. 162) afirma:

Se a palavra de ordem da década passada foi expandir, a desta década precisa ser democratizar. E isto significa criar oportunidades para que os milhares de jovens de classe baixa, pobres, filhos da classe trabalhadora e estudantes das escolas públicas tenham acesso à educação superior. Não basta mais

expandir o setor privado – as vagas continuarão ociosas; não basta aumentar as vagas no setor público – elas apenas facilitarão o acesso e a transferência dos mais aquinhoados. (Ristoff, 2011, p. 162)

Avançando 10 anos neste contexto, chegamos a 2024, um momento em que posso analisar de forma mais aproximada da realidade o que antes era apenas teoria e crítica. Questionar a realidade da escola, que reflete muitas outras instituições semelhantes, tornou-se algo tangível e essencial para compreender o que me tornei.

Os estudantes do Colégio Emílio Massot, como mencionado anteriormente, são majoritariamente oriundos de regiões periféricas e pertencentes às classes mais baixas de Porto Alegre. Ainda que não residam nas áreas mais extremas da cidade, como ilustrado na figura 5, suas casas e rotinas estão situadas em vilas diversas, espalhadas pelos bairros das zonas sul e leste da capital.

A realidade enfrentada por esses estudantes evidencia a necessidade de conciliar trabalho e estudos. De acordo com o gráfico apresentado, mais de 60% dos alunos possuem algum vínculo empregatício, seja de meio período ou temporário. Nesse contexto, é crucial refletir sobre a disposição desses jovens para aprender: o quanto conseguem manter o foco nas aulas, e como o cansaço de suas rotinas diárias se manifesta, muitas vezes, no sono que sentem pela manhã.

Para muitos desses alunos, a escola é percebida como uma perda de tempo. Eles não veem sentido em estar ali, sentem-se exaustos por acordar cedo e, compreensivelmente, têm dificuldade em compreender a importância das aulas e da escola para suas vidas. Isso ocorre porque suas necessidades imediatas, como a de dinheiro, tornam-se mais urgentes do que qualquer benefício futuro que a educação possa oferecer.

Dentro dessa realidade de necessidade, é importante destacar que, para a maioria, o trabalho não está necessariamente relacionado à tarefa de sustentar a casa — embora, infelizmente, isso seja verdade para alguns. O objetivo principal, em muitos casos, é obter recursos para o lazer e para manter uma vida minimamente digna fora da escola e do ambiente doméstico. Conforme o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, o direito ao lazer é garantido a todos os cidadãos, sendo ainda mais relevante quando falamos de adolescentes.

Cobrar foco e dedicação ao estudo de jovens que já enfrentam a exaustão de conciliar trabalho e escola, especialmente quando trabalham para suprir necessidades básicas é uma visão opressora. Esse posicionamento reflete uma perspectiva elitista e meritocrática que negligencia a importância de outras necessidades humanas, como o lazer e a vivência plena. Essa negação é perceptível entre os estudantes do Colégio Emílio Massot, onde as oportunidades de lazer são frequentemente limitadas devido à origem socioeconômica dos alunos.

Quando analisamos as turmas do terceiro ano sob a ótica de questões étnicas e de gênero, alguns aspectos se destacam. No que diz respeito ao gênero, a maioria dos estudantes que responderam ao questionário se identifica como do gênero feminino (26 de 51), o que sugere uma certa paridade entre os gêneros na composição das turmas. Um dado particularmente relevante é que 7,8% dos estudantes se declararam não binários. Esse fato traz à tona questões contemporâneas sobre identidade de gênero, refletindo a crescente consciência e convicção dessa geração em relação à sua identidade. Além disso, ao se posicionarem fora do padrão heteronormativo, esses estudantes demonstram um notável senso crítico, tanto sobre si mesmos quanto sobre a sociedade na qual estão inseridos.

Neste sentido, Teixeira-Filho e Rondini (2012) destacam que a heteronormatividade funciona como um mecanismo de controle que restringe a possibilidade de questionar outras formas de existência e identidade. Por conta desses padrões, indivíduos que desafiam essas normas e buscam alternativas acabam sendo estigmatizados por sua diferença. Assim, assumir uma postura que contesta essas imposições representa um ato poderoso, que deveria ser valorizado como uma forma de estimular o pensamento crítico sobre o mundo e as relações sociais.

No que diz respeito às perspectivas étnicas das turmas, a maioria dos estudantes se autodeclara branca, representando quase dois terços do total. Por outro lado, o número de alunos que se identificam como negros ou pardos é bem reduzido (apesar de “pardo” não ter sido uma opção direta, alguns se autodeclararam dessa forma).

De acordo com o Censo Escolar de 2023, 32% dos alunos matriculados no ensino regular no Brasil se identificam como brancos, enquanto 37% se declaram pardos e 4%, negros. No entanto, esses dados refletem a realidade nacional. No Rio

Grande do Sul, o cenário é diferente: o estado está entre os cinco com maior proporção de concluintes do ensino regular que se identificam como brancos, evidenciando uma discrepância em relação ao panorama nacional.

É pertinente refletir sobre as desigualdades no acesso a oportunidades entre diferentes populações. Em Porto Alegre, a maior parte da população se declara branca, correspondendo a 73,6% segundo o Censo de 2022. No entanto, o percentual de pessoas negras ou pardas aumenta significativamente nas áreas periféricas, como os bairros Rubem Berta, Cruzeiro, Restinga e Lomba do Pinheiro, onde esses grupos representam mais de 30% da população, chegando a quase 40% em algumas localidades. Assim, quanto mais periférica a região, maior a presença de pessoas que se identificam como negras ou pardas.

Diante disso, seria esperado que uma escola que atende a periferia, como o Colégio Massot, tivesse uma proporção maior de estudantes negros. No entanto, ao analisar essa realidade, surge a constatação de que muitos jovens negros não concluem o ensino fundamental em comparação com jovens brancos. E, quando concluem, acabam se matriculando em escolas de ensino médio ainda mais periféricas, próximas às suas comunidades.

É profundamente preocupante que, ao perguntarmos aos estudantes do Massot sobre as razões que os levaram a estudar na escola, muitos mencionam as melhores oportunidades de estágio e acesso a um futuro mais promissor. Isso levanta uma questão inquietante: aqueles que estudam em escolas periféricas, sem acesso a essas mesmas oportunidades, terão chances semelhantes? A resposta para essa pergunta, infelizmente, parece ser evidente. É nesse ponto que voltamos nosso olhar para os alunos do Colégio Massot, refletindo sobre as condições que influenciam suas trajetórias.

○ 5.2 A UFRGS SENDO UM ESPAÇO IMPOSSÍVEL DE ACESSAR, A VISÃO DO ESTUDANTE MASSOTIANO

Salientar a importância e o acesso ao ensino superior público, especialmente à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), é uma forma de democratizar o ingresso e transformar a sua conjuntura discente. Além disso, é

fundamental oportunizar esse acesso aos estudantes que dele necessitam.

Para Chauí (2003), a universidade é uma instituição indissociável do contexto social heterogêneo no qual está inserida. Assim, a universidade se apresenta como um espaço que, devido à sua heterogeneidade, promove diferentes ações, objetivos e, principalmente, indagações provenientes das mais diversas classes e grupos da sociedade. Isso a torna um ambiente diferenciado, cuja função social pré-estabelecida busca combater as desigualdades historicamente construídas na sociedade.

Nesse sentido, promover o acesso e discutir sua importância para estudantes oriundos de escolas públicas é um preceito fundamental, considerando que a universidade, incluindo a UFRGS, ainda apresenta um panorama predominantemente elitista.

Apesar das políticas de democratização implementadas nas últimas duas décadas, o viés elitista ainda persiste na universidade. Essas políticas, no entanto, trouxeram mudanças significativas. Hoje, há muito mais alunos de escolas públicas que ingressaram graças às cotas, estudantes negros que obtiveram acesso por meio de cotas raciais, além de beneficiários do ProUni, FIES e, principalmente, do SISU. Tais políticas foram e continuam sendo essenciais para a inclusão de grupos historicamente oprimidos, configurando-se como elementos indispensáveis para a construção da função social ideal das universidades, especialmente as federais, como a UFRGS.

Na proposição do projeto, o eixo principal foi questionar a percepção dos estudantes do terceiro ano da Escola Coronel Afonso Emílio Massot sobre o vestibular e o processo de ingresso na UFRGS. Nesse contexto, a maioria das perguntas foi direcionada a essa percepção, e os dados demonstraram a necessidade de não apenas oportunizar o acesso, mas também apresentar de forma clara o processo de ingresso.

Entre os estudantes, quase $\frac{3}{4}$ (72,5%) marcaram a opção de "saber sobre o processo de ingresso" e afirmaram ter consciência sobre o vestibular da UFRGS. Ainda assim, eles classificaram seu conhecimento como, no mínimo, regular, sendo que menos de 20% declararam não saber ou saber muito pouco sobre o assunto. As respostas surpreenderam, pois, de acordo com os estudantes, há um interesse por parte dos professores em proporcionar informações e oferecer uma visão sobre o ENEM e o vestibular da UFRGS.

O apoio e a informação fornecidos pela escola foram questionados em outras partes do levantamento. Nessas questões, cerca de 60% dos estudantes indicaram que há certo apoio e algumas informações por parte da instituição. No entanto, uma parcela significativa relatou descontentamento: 28% apontaram a falta de apoio, enquanto 32% mencionaram a ausência de informações suficientes.

A escola Coronel Afonso Emílio Massot, localizada em uma região central, é uma instituição pública que recebe muitos estagiários, especialmente da UFRGS. Mesmo com esse acesso direto a estagiários ainda vinculados ao ensino superior federal, os estudantes continuam enfrentando dificuldades. Conforme os próprios comentários apontam, não há oficinas, palestras ou aulas que ofereçam explicações detalhadas e informações específicas sobre o processo de ingresso. Assim, a percepção dos alunos fica restrita a conversas informais, fora do âmbito da sala de aula, o que limita o alcance da informação, já que ela só chega a quem a procura ativamente.

Por outro lado, os dados revelaram que, embora muitos estudantes conheçam o processo, saibam da sua existência e tenham noções básicas de como se inscrever, há uma discrepância em relação ao número daqueles que efetivamente se inscrevem no vestibular ou no ENEM. Informalmente, ao serem questionados, poucos alunos responderam ter se inscrito no ENEM, e ainda menos afirmaram ter se inscrito no vestibular da UFRGS.

Dessa forma, o projeto revelou uma questão central: a percepção dos alunos sobre o processo de ingresso na UFRGS está atrelada a dificuldades de acesso a informações e ao incentivo formal, evidenciando o contexto do problema analisado. Como relata um/a dos/as estudantes:

“Algo que sinto falta é mais conteúdos nas redes sobre os cursos. Tenho alguns cursos em mente, mas quando procuro informações mais específicas como o turno das aulas não acho. Seguindo o gancho, acho muito complicado que o turno de vários cursos seja integral, fica ruim para quem precisa trabalhar também.”

No que consiste sobre o questionamento da dificuldade do processo de

acesso, mas especificamente sobre a prova e o vestibular em si, das 48 respostas obtidas para essa questão, nenhum aluno demonstrou confiança suficiente para considerar que a prova seria muito fácil ou fácil. Além disso, 22,9% dos estudantes indicaram que a dificuldade estaria em um nível intermediário, nem fácil nem difícil. Por outro lado, a maior parte, 77,1%, evidenciou insegurança quanto à própria capacidade e à qualidade da educação recebida, classificando a prova como difícil (60,4%) ou muito difícil (16,7%). Esses dados expõem um problema estrutural da educação pública, que, além de sofrer ataques recorrentes ao longo da história, enfrenta relativo despreparo pedagógico. Isso também reflete a realidade de muitos alunos trabalhadores, que chegam às salas de aula exaustos e desmotivados, sem enxergar na educação superior um futuro promissor. Se o Ensino Médio não atende suas expectativas, qual seria o estímulo para buscar o Ensino Superior?

A questão da falta de confiança ressurgiu nas respostas à última pergunta, onde eles relataram suas dificuldades e preocupações. Um dos pontos mencionados foi a carência de informações detalhadas sobre os cursos nas redes sociais: *“Tenho alguns cursos em mente, mas, ao buscar informações mais específicas, como o turno das aulas, não encontro nada”*, destacou um dos alunos. Esse problema se agrava pela alta frequência de cursos oferecidos em período integral, o que dificulta a permanência de estudantes que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo.

A preocupação com o trabalho não é exclusiva dos estudantes do Emílio Massot, mas abrange uma ampla parcela de alunos da rede pública e até mesmo aqueles que já estão na UFRGS. Muitos cursos ainda não oferecem a opção de um currículo noturno, o que inviabiliza que esses estudantes conciliem trabalho e estudos, afastando-os da possibilidade de construir uma futura formação acadêmica.

Quanto à questão da confiança, os alunos apontaram seus maiores temores em relação às provas de vestibular e ENEM, seguidos pela dificuldade em conhecer os cursos disponíveis, o acesso limitado a materiais de estudo e a falta de apoio financeiro para custear o curso na universidade. Alguns deles relataram essas preocupações, da seguinte maneira: *“Considero grande parte das escolas públicas com uma qualidade muito abaixo do que se é cobrado a um estudante.”*

“[...] Todos deveriam ter acesso à faculdade e oportunidades iguais. O ENEM é desumano, cobrar uma prova dessas para o ingresso, poderia ser diferente.”

“[...] Muito caro para fazer a prova e é quase impossível conseguir a isenção.”

Para o aluno periférico, a universidade não é um sonho distante, mas uma possibilidade quase inexistente. Essa realidade, que já era visível na minha época de estudante da Educação Básica nesta escola, e ainda persiste. Mais do que falar sobre a oportunidade, é necessário mostrar de maneira prática que ela pode ser o divisor de águas na vida de cada estudante, apontando que a educação é um caminho acessível a todos. A ideia de que ingressar na UFRGS é inalcançável precisa ser desconstruída, como reforçou um dos alunos ao afirmar que: *“Sendo uma federal, é quase impossível ter acesso a ela.”*

○ 5.3 A INFLUÊNCIA NEOLIBERAL DO CURRÍCULO PRESENTE NAS NARRATIVAS DO ALUNO MASSOTIANO

Ao refletirmos sobre o papel da escola em relação aos seus alunos, especialmente quanto à forma como as informações são transmitidas e ao planejamento das questões que envolvem o conteúdo do vestibular, surgiu um dado curioso e revelador.

Na questão 14 do questionário aplicado, foi solicitado que os estudantes apresentassem sugestões para melhorar a escola, conforme mencionado ao final do capítulo 3 deste trabalho. As respostas destacaram a escassez de informações fornecidas sobre o vestibular e sobre a própria UFRGS. Além disso, surgiram apontamentos relacionados à qualidade do conteúdo das aulas, à disponibilidade de materiais didáticos e outros aspectos fundamentais do processo de ensino.

O currículo sempre foi um tema de debate no campo da Educação e está diretamente relacionado ao aluno que dele participa. Assim, o fato de o aluno questionar o que é ensinado, mesmo sem compreender plenamente como o currículo é construído, constitui uma perspectiva valiosa sobre o ensino e seus conteúdos.

Inicialmente, é fundamental refletir sobre o atual processo de curricularização do Ensino Médio, que se estrutura a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e das diretrizes específicas de cada disciplina, elaboradas pelos Estados responsáveis por desenvolver o currículo. Com a criação da BNCC e sua

implementação como base do Novo Ensino Médio, adotou-se um outro modelo de pensar a educação. Esse modelo é focado no desenvolvimento de habilidades — entendidas como capacidades necessárias para realizar determinadas tarefas — e competências — que consistem na “aplicação” prática dessas habilidades. Contudo, essa proposta educacional segue uma lógica fortemente produtivista, o que não é surpresa, já que o setor privado desempenha um papel central na formulação dessas políticas, frequentemente por meio de estratégias de financiamento, como aponta Giroto (2017, p. 475):

Além do Banco Mundial, duas entidades representantes do setor empresarial brasileiro estão na frente da defesa da BNCC. Trata-se do movimento “Todos pela Educação”, capitaneado pelos Grupos Itaú, Gerdau e Fundação Roberto Marinho e da “Fundação Lemann”, do empresário brasileiro Jorge Paulo Lemann. O que une estes dois grupos é a difusão de uma concepção empresarial de educação, pautada no discurso do capital humano e na relação simplista entre desenvolvimento da educação e crescimento econômico.

Problematizar a inserção do investimento privado em instituições públicas de educação no Brasil, é fator importante para entender a lógica do pensamento atual que perpassa os alunos, não só do terceiro ano do Massot, mas provavelmente, de grande parte do sistema público de ensino atual.

O estudante está tão inserido no sistema neoliberal que atualmente rege a educação e o mercado de trabalho, que se torna quase inevitável ele enxergar a educação como um meio restrito às disciplinas exigidas no vestibular ou no ENEM. Esse tipo de pensamento não pode ser atribuído unicamente ao aluno, pois é resultado de uma confluência de fatores: mídia, internet, escolas e currículos moldados por essa lógica, muitas vezes originados de cursinhos preparatórios voltados à aprovação em vestibulares. Esse foco do estudante em conteúdos específicos reflete um processo de curricularização excessivamente voltado para avaliações, cujo objetivo principal é destacar os melhores e socialmente mais privilegiados. Trata-se de um modelo produtivista, empresarial e neoliberal.

O currículo escolar, no entanto, não deveria ser orientado apenas visando os vestibulares e o Enem. O ensino médio deveria ser uma etapa em que o estudante não apenas adquire conhecimentos para o futuro, mas também aprende a viver na lógica cruel e excludente do neoliberalismo. Essa abordagem curricular, voltada para resultados avaliativos e produtivistas, exemplifica a crítica teórica pensada e discutida por Paulo Freire (1987) sobre a "educação bancária", em que o estudante é tratado como um depósito, e a escola, juntamente com os professores, como depositários de conhecimento. Nesse modelo, o aluno memoriza e reproduz conteúdos, mas não é estimulado a refletir ou a questionar os mesmos.

Por outro lado, ao observar o atual currículo do ensino médio, é necessário destacar as críticas que surgem em relação a essa nova política educacional implantada em todo o Brasil. Embora a proposta apresente aspectos interessantes, como a tentativa de ensinar além das disciplinas tradicionais, ela o faz de maneira problemática: ao reduzir a carga horária e o conteúdo de matérias essenciais, para inserir novas áreas interdisciplinares, nas quais os professores não foram devidamente formados. No contexto da escola pública, essas novas áreas acabam se tornando disciplinas secundárias, sem propósito claro e percebidas como mero preenchimento de horários, resultantes da redução de carga horária de disciplinas fundamentais, como as de Humanidades.

Essa questão levanta um ponto importante: se a educação não deve ser apenas conteudista ou baseada na memorização, por que há tantas críticas à inclusão de novas disciplinas que, em tese, deveriam preparar o aluno para a vida? O questionamento é pertinente, mas carece de precisão. A flexibilização do ensino médio tem sido apresentada como uma forma de atender às demandas do mercado de trabalho, mas, na prática, acaba preparando o aluno exclusivamente para funções laborais subalternas. O tipo de trabalho promovido não é aquele que desenvolve autonomia ou pensamento crítico, mas, sim, o que condiciona à repetição mecânica e ao subemprego, limitando o potencial do estudante. Krawczyk e Ferretti (2017) reforçam essa crítica ao destacarem que a flexibilização do ensino, ao atender interesses econômicos, desconsidera a formação integral do aluno e contribui para sua inserção em um sistema de exploração trabalhista:

A ideia de flexibilização vem sendo utilizada nas últimas décadas para se opor a uma estrutura estatal de proteção do trabalho e de proteção social.

Apresenta-se sob a forma de flexibilização das relações de trabalho, da jornada trabalhista, da vinculação de receitas dos recursos públicos, da Constituição, do currículo, entre outras (Krawczyk e Ferretti, 2017, p.36)

Cabe também, lembrar neste momento o que disse António Nóvoa numa entrevista quando esteve no Brasil:

Os percursos formativos, na prática, mantêm a tradição de que os pobres servem para ser operários e os ricos, doutores. É o que chamamos de novo vocacionalismo. Agora, o melhor da escola pública está em contrariar destinos. Podemos ser amanhã uma coisa diferente do que somos hoje. Uma escola que confirma destinos, que transforma em operário o filho do operário é a pior escola do mundo (Nóvoa, Ano 2017)

Além disso, as disciplinas que foram retiradas com a implementação do Novo Ensino Médio (NEM) desempenham papel essencial na formação do pensamento crítico e na compreensão do mundo e de si mesmo como um ser crítico e social. Ao eliminar estas áreas do saber, não se suprimiu apenas o preparo para avaliações, mas também se restringiu o acesso ao questionamento e à reflexão sobre a realidade. Esse processo acaba por delimitar quem tem o privilégio de desenvolver tais habilidades, reforçando desigualdades sociais.

O viés produtivista imposto pelo novo modelo educacional evidencia uma concepção de escola que vai além do neoliberalismo — uma escola onde o estudante é tratado tanto como mercado quanto como mercadoria, e a própria instituição se molda a essa lógica. O Estado, por meio de políticas de avaliação em larga escala, como o ENEM, a Prova Brasil, as Olimpíadas de Matemática e, no ensino superior, o ENADE, passa a controlar a educação a partir de critérios de produtividade e desempenho, como se o processo de aprender pudesse ser completamente mensurado e reduzido a números. Para a lógica neoliberal, essa quantificação é, de fato, essencial. Nesse contexto, a crítica de Donald Campbell se torna pertinente:

Quanto mais um indicador social quantitativo é utilizado para fins sociais de tomada de decisão, mais sujeito ele estará à pressão de corrupção e mais apto ele estará a distorcer e corromper os processos sociais que se pretende monitorar" (Donald Campbell, 1976, p. 49).

Reduzir a educação a números e indicadores é submeter a escola a um viés ideológico neoliberal e opressor, condicionando a educação pública a funcionar como um mecanismo que forma — ou deforma — mão de obra barata.

Como este trabalho evidencia, ao trazer dados qualitativos sobre a realidade de alunos do Colégio Estadual Emílio Massot, a educação não deveria ser guiada exclusivamente por métricas quantitativas. É fundamental considerar o contexto de cada estudante: sua origem, estrutura familiar, condição de trabalho, interesses, classe social, identidade étnica e de gênero. Embora a BNCC, em certos momentos, reconheça a importância desses fatores, resta saber se o Estado realmente os leva em consideração ao formular políticas educacionais e alocar recursos financeiros.

Portanto, o ensino e a construção do conhecimento devem ser mútuos, como um processo coletivo, centrado na realidade do aluno. Pode parecer uma proposta utópica, mas a educação deve, em parte, ser utópica, pois sonhar com uma educação de melhor qualidade é o primeiro passo para alcançá-la. O objetivo deve ser despertar nos estudantes o desejo de aprender, o que, sem dúvida, é desafiador, mas essencial para construir uma educação transformadora. A escola precisa se conectar ao mundo do aluno, respeitando sua trajetória e contexto. Imposições externas, descoladas da realidade da escola pública e seus sujeitos, onde muitos estudantes também são trabalhadores, só acentuam o caráter opressivo que pode permear a experiência escolar.

É sempre válido lembrar a célebre frase de Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é tornar-se opressor.” Assim, se o aluno for educado para se adequar a uma lógica puramente produtivista e sem senso crítico, ele tenderá a reproduzir esse modelo como correto, repetindo-o às gerações futuras. Caso ele ascenda a uma posição hierárquica no ambiente de trabalho, poderá assumir o papel de opressor e perpetuar a mesma lógica de exploração. Precisamos pensar em alternativas para romper com esse ciclo e transformar a educação em um verdadeiro instrumento de emancipação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa permitiu revisitar minha própria trajetória escolar, trazendo à tona memórias sobre minha experiência na escola e os desafios enfrentados ao longo do meu percurso como estudante da Educação Básica e do Ensino Superior na UFRGS. Com um olhar mais crítico e reflexivo, retornei à instituição em que fui estudante para compreender melhor os questionamentos que outrora me acompanharam no Ensino Médio e que hoje também permeiam a vivência dos atuais estudantes dessa etapa. O objetivo foi propor um entendimento sobre os obstáculos que envolvem o acesso ao Ensino Superior público na UFRGS, um direito que se apresenta como um desafio distante para muitos jovens de classes marginalizadas e periféricas.

A análise conduzida revelou a convergência de fatores que afetam tanto os estudantes quanto a escola. O contexto socioeconômico dos alunos e as condições estruturais da instituição configuram o cenário em que esses jovens constroem suas percepções sobre a educação e o futuro. Notou-se, também, a forma como esses estudantes percebem o ingresso no ensino superior e a própria universidade — uma realidade que muitas vezes lhes parece inalcançável, enquanto a necessidade imediata de trabalhar se impõe como prioridade.

As narrativas coletadas evidenciam um sentimento generalizado entre os alunos do terceiro ano do Colégio Estadual Emílio Massot de que a educação formal não “vale a pena”. Frases como “não vejo a hora de terminar a escola” expressam a frustração de quem não compreende na escola uma oportunidade real de transformação social. Para muitos, a busca por um emprego imediato é a única perspectiva concreta, enquanto o sonho de uma vida melhor fica relegado a um futuro incerto, que, em boa parte dos casos, infelizmente quase nunca chega.

A escola deveria ser um espaço dinâmico de debate social e promoção de oportunidades. É fundamental fomentar o potencial dos estudantes, motivando-os a buscar algo maior e melhor para os seus futuros. No entanto, o que se observa é uma instituição que, ao invés de impulsioná-los, se torna um fardo pesado e sem propósito aparente na vida desses jovens. O desafio, portanto, está em reimaginar a função da escola: não como um obstáculo, mas como um meio de possibilitar novas perspectivas, capaz de despertar nos estudantes o interesse pelo conhecimento e o entendimento de que a educação pode ser o caminho para romper com as

limitações impostas pela realidade social que os cerca. Ensinar a aprender e a sonhar, mesmo que pareça utópico, é uma tarefa imprescindível, como salienta Paulo Freire (1996).

Dessa forma, cabe ao professor desmistificar o processo de ingresso ao ensino superior e trabalhar continuamente para que o aluno compreenda seu direito e sua capacidade de acessar esse espaço. Ensinar deve ser mais do que preparar para provas; deve ser a construção de um aprendizado significativo, crítico e contínuo, ao longo de toda a trajetória escolar.

Por fim, é fundamental criar resistências ao modelo neoliberal de ensino imposto no Brasil, pois este reduz o processo educacional à memorização e avaliação. O papel da escola não é apenas treinar para provas, mas formar cidadãos capazes de interpretar e transformar o mundo em que vivem. Aprender não é decorar, mas desenvolver um pensamento crítico e autônomo, compreender fenômenos e, a partir dessa compreensão, enfrentar os desafios que a vida — e, eventualmente, as provas — colocam diante de cada estudante.

REFERÊNCIAS

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. **Administração on-line**, v. 1, n. 1, p. 25, 2000.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 5-15, set./out./nov./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a02.pdf>. Acesso em: 27 Nov. 2024.

DEMARI, Jennifer; SALGADO, Tania Denise Miskinis. A influência do PIBID/Química da UFRGS sobre o desempenho escolar de alunos de ensino médio. **Química nova na escola**. Vol. 38, n. 2 (Maio 2016), p. 157-166, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIROTTI, Eduardo Donizeti. **Dos PCNs a BNCC: o ensino de Geografia sob o domínio neoliberal**. Geo Uerj, n. 30, p. 419-439, 2017.

KRAWCZYK, Nora; FERRETTI, Celso João. Flexibilizar para quê. **Meias verdades da “reforma”**, 2017.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

NÓVOA, António. CARTA EDUCAÇÃO: Se fosse brasileiro, estaria indignado com a situação da educação. **Entrevista do prof. António Nóvoa, doutor em Ciências da Educação e História Moderna e Contemporânea e Reitor honorário da Universidade de Lisboa**, 28/03/2017.

PARASURAMAN, A. Marketing research. 2. ed. Addison Wesley Publishing company, 1991.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen-ISSN: 2447-8717**, v. 2, n. 4, 2017.

RISTOFF, Dilvo. A expansão da educação superior brasileira: tendências e desafios. In: FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto; PAULA, Maria de Fátima Costa de (Orgs.). **La democratización de la educación superior en América Latina**. Límites y posibilidades. Saenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011. p. 151-166.

TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RONDINI, C. A. **Ideações e Tentativas de Suicídio em Adolescentes com Práticas Sexuais Hetero e Homoeróticas**. Saúde Sociedade, São Paulo, v. 21, n. 3, p.651- 667, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/MPd7wLPgMsbt9PmMJmC6h5y/?lang=pt> . Acesso em: 27 Nov. 2024.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ANEXO A — TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

PESQUISA: A PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA EMÍLIO MASSOT EM RELAÇÃO AO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

ESTUDANTE PESQUISADOR/A: Edilson Joaquim Togni Sabedot

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. Larissa Corrêa Firmino

Estamos realizando uma pesquisa que tem como objetivo identificar como os/as estudantes do Colégio Estadual Emílio Massot percebem o ingresso ao Ensino Superior público na UFRGS, com base nas suas experiências de vida e escolar. Essa pesquisa visará um Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Geografia vinculado à UFRGS. Para tanto, solicitamos autorização para realizar este estudo nesta instituição. Também será utilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para o/a participante.

A coleta de dados envolverá a aplicação de um questionário semiestruturado com quinze perguntas, duas abertas e treze fechadas. Será mantido o total anonimato dos/as participantes.

Os dados institucionais dos/as alunos/as do Colégio Estadual Afonso Emílio Massot serão coletados por meio de questionário. A coleta será realizada pelo estudante Edilson Joaquim Togni Sabedot, sob a orientação da Profa. Dra. Larissa Corrêa Firmino.

Os/as participantes do estudo serão claramente informados de que sua contribuição é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento sem nenhum prejuízo. Tanto os/as participantes quanto os/as responsáveis pela instituição poderão solicitar informações sobre os procedimentos ou outros assuntos relacionados a este estudo.

Este projeto foi aprovado pela professora orientadora da pesquisa e todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos/as participantes bem como da instituição envolvida. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem aos critérios de ética na pesquisa com seres humanos conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade do participante. Todo material desta pesquisa ficará sob responsabilidade do pesquisador do estudo, seu nome Edilson Joaquim Togni Sabedot e, após cinco anos, será destruído. Dados individuais dos participantes

coletados ao longo do processo não serão informados às instituições envolvidas ou aos familiares, e será realizada a devolução dos resultados, de forma coletiva, para o Colégio Estadual Afonso Emílio Massot, se assim for solicitado.

Por meio deste trabalho, esperamos contribuir para compreender como os estudantes do ensino médio da referida escola pública concebem a possibilidade de ingresso na UFRGS a partir de suas concepções escolares.

Agradecemos a colaboração da instituição para a realização desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A orientadora responsável por esta pesquisa é a Profa. Dra. Larissa Corrêa Firmino do Departamento de Ensino e Currículo (DEC) da Faculdade de Educação da UFRGS. A equipe poderá ser contatada por meio do telefone da professora orientadora (48) 99947.3696 ou do estudante da UFRGS Edilson (51) 99223-6922.

Porto Alegre, ____ de _____ de 2024.

Profa. Dra. Larissa Corrêa Firmino
FACED/UFRGS
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso

Edilson Joaquim Togni Sabedot
Estudante do curso de Geografia da UFRGS

Concordamos que os/as servidores/as que atuam na Instituição e os/as estagiários/as que atuam no Colégio Afonso Emílio Massot participem do presente estudo.

Porto Alegre, de de 2024.

Responsável pela instituição e cargo

ANEXO B — QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Formulário de Pesquisa com o objetivo de compreender a percepção de estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Emílio Massot sobre o Ingresso na UFRGS.

Turma: _____ Idade: _____ Bairro onde reside: _____

Por favor, responda às seguintes perguntas selecionando as opções que melhor descrevem suas concepções e experiências.

- | | |
|---|---|
| <p>1. Qual é a sua identidade de gênero?</p> <p><input type="checkbox"/> Feminino</p> <p><input type="checkbox"/> Masculino</p> <p><input type="checkbox"/> Transgênero</p> <p><input type="checkbox"/> Não binário</p> <p><input type="checkbox"/> Outro</p> <p>(especifique) _____</p> <p><input type="checkbox"/> Prefere não dizer</p> <p>2. Como você se identifica etnicamente?</p> <p><input type="checkbox"/> Branco (a)</p> <p><input type="checkbox"/> Negro (a)</p> <p><input type="checkbox"/> Latino (a)</p> <p><input type="checkbox"/> Asiático (a)</p> <p><input type="checkbox"/> Indígena</p> <p><input type="checkbox"/> Outro (especifique): _____</p> <p><input type="checkbox"/> Prefere não dizer</p> <p>3. Você trabalha e/ou está empregado neste momento?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p>4. Se a resposta for “sim”, qual é o seu status de emprego?</p> <p><input type="checkbox"/> Tempo integral</p> <p><input type="checkbox"/> Meio período</p> <p><input type="checkbox"/> Contrato ou temporário</p> <p><input type="checkbox"/> Aposentado</p> <p><input type="checkbox"/> Desempregado</p> <p><input type="checkbox"/> Incapaz de trabalhar</p> <p><input type="checkbox"/> Outro</p> <p>(especifique) _____</p> | <p><input type="checkbox"/> Prefere não dizer</p> <p>5. Você está ciente do processo de ingresso na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)?</p> <p><input type="checkbox"/> Sim</p> <p><input type="checkbox"/> Não</p> <p>6. Como você descreveria seu conhecimento sobre o processo de ingresso na UFRGS?</p> <p><input type="checkbox"/> Muito bom</p> <p><input type="checkbox"/> Bom</p> <p><input type="checkbox"/> Regular</p> <p><input type="checkbox"/> Ruim</p> <p><input type="checkbox"/> Muito ruim</p> <p>7. Quais são suas principais fontes de informação sobre o ingresso na UFRGS? (Marque todas as que se aplicam)</p> <p><input type="checkbox"/> Professores da escola</p> <p><input type="checkbox"/> Pais ou responsáveis</p> <p><input type="checkbox"/> Amigos ou colegas de escola</p> <p><input type="checkbox"/> Internet (sites oficiais, fóruns, redes sociais)</p> <p><input type="checkbox"/> Feiras de profissões ou eventos similares</p> <p><input type="checkbox"/> Outras (por favor, especifique): _____</p> |
|---|---|

8. Qual é a sua percepção sobre a dificuldade do processo de ingresso na UFRGS?

- Muito difícil
 Difícil
 Nem difícil nem fácil
 Fácil
 Muito fácil

9. Você acredita que sua escola fornece informações adequadas sobre o processo de ingresso na UFRGS?

- Sim, completamente
 Sim, em parte
 Não, de forma alguma

10. Quais são os principais desafios que você percebe em relação ao ingresso na UFRGS? (Marque todas as que se aplicam)

- Preparação para as provas específicas
 Conhecimento sobre os cursos oferecidos
 Orientação vocacional
 Acesso a materiais de estudo adequados
 Apoio financeiro para custear preparatórios ou materiais
 Outros (por favor, especifique):

- Sim, bastante apoio
 Sim, algum apoio
 Não, nenhum apoio

13. Se houvesse uma oportunidade, você participaria de atividades extracurriculares relacionadas à preparação para o ingresso na UFRGS, oferecidas pela sua escola?

- Sim
 Não
 Talvez

Você tem alguma sugestão ou comentário adicional sobre como a escola poderia melhorar o suporte aos alunos em relação ao ingresso na UFRGS?

Resposta:

Por favor, sinta-se à vontade para compartilhar quaisquer outras observações ou pensamentos que considere relevantes.

Resposta:

11. Como você se sente em relação às suas chances de ingressar na UFRGS?

- Muito confiante
 Confiante
 Neutro
 Pouco confiante
 Nada confiante

12. Você recebe apoio da sua escola para se preparar para o ingresso na UFRGS?